

N.º 241  
Outubro 2012  
Mensal  
2,00 €

# TempoLivre



[www.inatel.pt](http://www.inatel.pt)



## Turismo Sénior Inatel 2012

**Entrevista**  
Vitor Melícias

**Viagens Inatel Fim-de-Ano**  
Ponta Delgada e Praga

**Paixões**  
Joana Amendoeira



# Universidades Sénior Aprender nunca acaba

Há cada vez mais "universidades sénior", instituições vocacionadas para acolher uma população estudantil muito especial. São já mais de oito mil, em Portugal, os estudantes a frequentar estas universidades, cuja actividade ganha particular acuidade quando se celebra o Ano Europeu do Envelhecimento Activo e da Solidariedade entre Gerações.

A Universidade Sénior Eugénio de Andrade (USEA), que nasceu no seio do Centro Cultural e Desportivo dos Trabalhadores da Câmara Municipal do Porto, em 2006, e tem actualmente 260 alunos, vai introduzir novas disciplinas no próximo ano lectivo. Manterá o Inglês e a Informática, muito populares, e acrescentará, entre outras, a disciplina de Mandarim. "A meio e no final do ano passamos questionários de avaliação da satisfação e procuramos saber se as disciplinas estão a corresponder às expectativas e que disciplinas novas querem", diz Joana Brás, psicóloga, com funções de coordenação pedagógica na USEA. Surgiram, assim, as sugestões do Mandarim e do Acordo Ortográfico, acrescenta Joana Brás, que destaca, também, as características socioculturais dos alunos. Há uma forte percentagem de licenciados de classe média alta, e "muitos ainda estão no activo e procuram por vezes uma disciplina como complemento da formação".

Outra característica dominante entre os alunos das UTI é a frequência maioritariamente feminina. Para Ana Trindade, da Agitar, "as mulheres têm mais apetência para se relacionarem ou para se aventurarem em coisas novas". A explicação na USEA não é muito diferente: "Pelo que as nossas alunas dizem, os homens são mais receosos de entrarem num mundo novo, de se porem à prova. Mas pode ser também porque já têm outras realidades sociais a que estejam fidelizados", alvitra Joana Brás. Na USEA as mulheres são mais de dois terços, mas o desequilíbrio tem tendência a atenuar-se, "talvez porque muitas das senhoras conseguem convencer os maridos a vir".

### Educar para ser

Muito valorizada por algumas UTI é a condição jovem dos docentes e a interacção geracional. "Aqui, a idade dos formadores varia entre os 30 e os 45 anos. Temos de ter formadores mais novos do que os seniores para os manter activos", diz Ana Pinheiro, da Associação Agitar.

Leccionar nas UTI é uma tarefa singular. Para Vítor Fragoso, docente de Inteligência Emocional na USC, trata-se de uma experiência diferente porque tudo se foca mais "nas necessidades dos seniores, mais do que para o desempenho ou aquisição de conhecimento", procurando-se criar



Edifício da Universidade Sénior Eugénio de Andrade e, em baixo, Universidade Sénior Florbela Espanca



"um espaço para o auto-conhecimento numa fase de transição da vida activa para a aposentação". Resumindo a dinâmica das UTI, Vítor Fragoso destaca que "o objectivo, mais do que o ensino, é a aprendizagem, educar para as questões essenciais da vida, educar para ser, para conviver, educar para a condição humana". No plano pedagógico, visa-se "promover uma pedagogia dialógica, em que o aluno é um agente activo da própria acção pedagógica. O objectivo é crescer em conjunto, não é transferir ou acumular informação".

Um aspecto não consensual refere-se à docência em regime de voluntariado. Um corpo docente remunerado é visto como factor de responsabilização, mas podem coexistir as duas fórmulas,

como sucede na Agitar. No entanto, "a maioria é remunerada, por uma questão de responsabilidade profissional", diz Ana Pinheiro. "A partir do momento em que pagamos, podemos exigir...", sublinha Daniela Gomes, docente e coordenadora na USEA. Posição semelhante tem a USFE, a fim de "garantir a qualidade dos conteúdos, aliada a uma comunicação eficaz e adaptada às especificidades do público sénior". Na USF há uma prática singular: professores e alunos podem trocar de papéis consoante as matérias. Afinal, salienta Rui Cupertino de Miranda, que começou justamente por ser aluno, "as pessoas vêm para não esquecer o que sabem, para aprender e ensinar". ■

**Humberto Lopes** (texto e fotos)

### "Este tipo de experiências eu não tinha"

Alguns dos alunos das UTI são ex-professores, como é o caso de Leonor Castro, 75 anos, professora do ensino básico, que se aposentou aos 59 anos e frequenta a USC. "Quando me reformei senti-me muito triste... 'agora acabei', foi o que pensei. E de repente houve qualquer coisa de novo na minha vida. Não é que eu tenha aprendido aqui muito mais do que sabia, mas aprendi a lidar melhor com a passagem dos anos e a saber conviver melhor". O desenvolvimento de novas relações sociais é o que mais valoriza e destaca o que ganhou com a entrada numa UTI: "Ocupação, bem-estar, e melhor preparação para ter uma vida mais activa".

António Gomes, 74 anos, foi industrial têxtil e sempre teve uma vida muito activa, até mesmo para além da actividade profissional, em associações desportivas: foi dirigente do Clube Fenianos do Porto e colaborador do jornal O Comércio do Porto. Aposentou-se com 71 anos e chegou à universidade sénior pela mão dos filhos. "Ter vindo para a universidade foi muito bom, já trouxe para cá pessoas amigas". Não



hesita nas preferências disciplinares: "Do que gosto mais é do coro e da internet, recebo uns 50 ou 60 e-mails por dia. E cheguei à conclusão de que gosto de escrever. Gosto de estar na universidade e aconselho a qualquer pessoa que se aposente". Porfírio Mendes da Silva, 89 anos, chegou à universidade a conselho dos netos. Percorreu, na sua actividade profissional, meio mundo - África do Sul, Brasil, Inglaterra, Macau, Estados Unidos - a "adquirir especialização na

manutenção de locomotivas eléctricas". Um livro publicado recentemente, já como aluno da USC, conta algumas histórias vividas em Angola. Diz que não se aposentou: "Aposentaram-me!". Fala das amizades que conquistou e do companheirismo que descobriu na USC. Reformou-se em 1993 e entrou para a USC em 2006. "Ainda estive uns anos entregue a mim mesmo, mas depois aqui aprendi a conviver e sobretudo a ouvir os meus colegas... Este tipo de experiências eu não tinha...".